

SEMANA

46

1

Dia

Lucas 24.36-43

A Aparição de Cristo aos Onze Apóstolos

Observamos nesta passagem a maneira singular e graciosa com que nosso Senhor se apresentou aos seus discípulos, após sua ressurreição. Repentinamente, Jesus apareceu entre eles e disse: *“Paz seja convosco!”*.

Esta foi uma afirmação maravilhosa, quando pensamos quem foram os homens que as ouviram. Foram dirigidas aos onze discípulos que três dias antes haviam abandonado vergonhosamente seu Senhor e fugido. Eles haviam quebrado suas promessas e esquecido sua confissão de estarem prontos para morrer por causa de sua fé. Fugiram e deixaram-no morrer sozinho. Um deles até o negara três vezes. Todos eles se mostraram medrosos e covardes. Mas, assim mesmo, vejam a maneira como seu Senhor os reencontrou. Não veio com alguma palavra de reprovação ou qualquer censura em seus lábios, mas com calma e tranquilidade, o Senhor Jesus apareceu entre eles e começou a falar-lhes sobre paz: *“Paz seja convosco!”*.

Vemos em sua comovente afirmativa mais uma prova de que o amor de Cristo *“excede todo o entendimento”*. Sua glória consiste em encobrir transgressões. Ele *“tem prazer na misericórdia”*. Está mais disposto a perdoar do que os homens a serem perdoados e mais disposto a conceder perdão do que os homens a recebê-lo. Existe em seu coração uma infinita disposição de cancelar as transgressões dos homens. Embora nossos pecados sejam vermelhos como o carmesim, o Senhor Jesus está sempre pronto a torná-los branco como a neve, a apagá-los, a lançá-los para trás de suas costas, a sepultá-los no fundo do mar, para nunca mais lembrar-se deles. Notamos uma linguagem bíblica cujo propósito é transmitir a mesma grande verdade. O homem natural está continuamente recusando-se a entendê-la. Não devemos nos admirar disso. O perdão gratuito, completo e imerecido não é uma atitude normal do ser humano. Mas é uma característica de Cristo.

Não existe pecador tão grande, e que tenha cometido pecados tão graves, que precise ter medo de invocar um Salvador como Jesus? Nas mãos dele existe infinita misericórdia. Onde está o desgarrado que, embora esteja muito distante de Deus, precise ter receio de retornar? Em Cristo *“não há indignação”* (Isaías 27.4). Ele está pronto a restaurar e levantar o pior dos pecadores. Onde está o crente que não deveria amar intensamente o Salvador Jesus, prestando-lhe voluntariamente uma obediência santa? Com Ele está o perdão, para que o tenhamos (Salmo 130.4). Onde encontramos o crente professo que não deva ser perdoador para com seus irmãos? Os discípulos do Salvador, cujas palavras foram tão cheias de paz, devem ser pacificadores, gentis e dispostos a perdoar uns aos outros (Colossenses 3.13).

Podemos observar também maravilhosa condescendência de nosso Senhor em relação à fraqueza de seus discípulos. Quando os discípulos ficaram admirados com sua aparição, não acreditando ser Ele mesmo, nosso Senhor lhes disse: *“Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai”*.

Convenientemente, Ele poderia ter ordenado que seus discípulos cressem que havia ressuscitado. Com justiça, Jesus poderia ter dito: *“Onde está a vossa fé? Por que não acreditais em minha ressurreição, quando me vedes com os vossos próprios olhos?”* Ele não agiu assim, pelo contrário, demonstrou ainda maior humildade. Apelou aos sentidos físicos dos onze apóstolos. Ordenou-lhes que o apalpassem e satisfizessem suas dúvidas, confirmando que Ele era um ser material e não um espírito ou um fantasma.

Temos aqui algo que nos revela um poderoso princípio, que faremos bem ao guardar em nosso coração. O Senhor Jesus nos permite utilizar nossos sentidos para atestar um fato ou uma afirmativa do cristianismo. Temos de esperar que no cristianismo encontraremos coisas que estão acima de nosso entendimento. Nosso Senhor desejava que soubéssemos que não precisamos acreditar em coisas contrárias à razão e aos nossos sentidos. Uma suposta doutrina que contradiz nossos sentidos não procede daquele que ordenou aos seus discípulos apalparem suas mãos e seus pés.

Recordemos esse princípio ao abordar a doutrina católica-romana da transformação do pão e do vinho na Ceia do Senhor. Não acontece, de maneira alguma, qualquer transformação desses elementos. Nossos próprios olhos e nosso próprio paladar nos dizem que o pão continua sendo pão e o vinho permanece sendo vinho, antes e após a realização da Ceia do Senhor. O Senhor Jesus nunca exige que creiamos naquilo que é contrário aos nossos sentidos. Por conseguinte, a doutrina da transubstanciação é falsa e antibíblica.

Recordemos esse princípio ao abordarmos a doutrina da regeneração batismal. Não existe uma inseparável conexão entre o batismo e o novo nascimento do coração de uma pessoa. Nossos próprios olhos e sentidos nos falam que miríades de pessoas batizadas não têm o Espírito de Deus, estão completamente sem a graça divina e são servos do mundo e de Satanás. Nosso Senhor nunca exigiu que creiamos naquilo que é contrário aos nossos sentidos. Portanto, a doutrina de que a regeneração invariavelmente acompanha o batismo não merece confiança. Dizer que existe a graça divina onde esta não pode ser vista equivale a antinomianismo.

Uma importante lição prática, que faremos bem em recordar, está envolvida na maneira de nosso Senhor lidar com os discípulos. É a lição de agirmos com amabilidade em relação aos discípulos fracos, ensinando-lhes na medida em que são capazes de aprender. Assim como o Senhor Jesus, temos de ser pacientes e longânimos. À semelhança de Cristo, precisamos condescender à fragilidade da fé exercida por alguns homens, tratando-os com ternura, como crianças pequenas, a fim de trazê-los ao caminho correto. Não devemos rejeitá-los porque não veem tudo imediatamente; nem desprezar os mais humildes e simples meios que, na mão de Deus, poderão persuadir os homens a crerem. Essa maneira de agir talvez exija muita paciência. Mas aquele que não é capaz de humilhar-se para lidar com os imaturos, ignorantes e iletrados não possui a mente de Cristo. Seria bom para todos os crentes, se lembrassem com mais frequência das palavras do apóstolo Paulo: *“Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos”* (1 Coríntios 9.22).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

2

Dia

A Última Exortação de Cristo aos Onze Apóstolos

Lucas 24.44-49

O texto descreve o dom que nosso Senhor outorgou aos seus discípulos pouco antes de deixar o mundo. Ele *“Ihes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras”*. Não precisamos supor que até aquela altura os discípulos nada sabiam a respeito do Antigo Testamento ou que a Bíblia é um livro incapaz de ser compreendido por uma pessoa comum. Temos simplesmente de entender que Jesus mostrou aos seus discípulos todo o significado de muitas passagens que até aquele momento estava oculto para eles. Acima de tudo, Jesus lhes mostrou o significado verdadeiro de várias passagens proféticas que se referiam ao Messias.

Todos precisamos de semelhante iluminação em nosso entendimento. *“O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”* (1 Coríntios 2.14). O orgulho, o preconceito e o amor ao mundo cegam nossos intelectos e colocam um véu sobre os olhos de nosso entendimento, ao lermos as Escrituras. Vemos as palavras, mas não as entendemos completamente, até que do alto sejamos ensinados.

Aquele que deseja ler a Bíblia com proveito tem de primeiramente suplicar ao Senhor Jesus que os olhos de seu entendimento sejam abertos pelo Espírito Santo. Os comentários humanos são úteis em sua devida ocasião. A ajuda de homens bons e entendidos não deve ser rejeitada. Mas não existe qualquer comentário que pode ser comparado ao ensino de Cristo. Um espírito de humildade e oração encontrará milhares de coisas na Bíblia, coisas que o leitor soberbo e presunçoso falhará completamente em discernir.

Em segundo, devemos observar nestes versículos a maneira notável como nosso Senhor falou sobre a sua morte na cruz. Ele não se referiu à sua morte como um infortúnio ou como algo digno de lamentação, mas como um acontecimento necessário. Ele disse: *“Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia”*.

A morte de Cristo era necessária à nossa salvação. Seu corpo e seu sangue oferecidos em sacrifício na cruz eram a *“vida do mundo”* (João 6.51). Sem a morte de Cristo, conforme entendemos, a lei de Deus não poderia ter sido satisfeita, o pecado jamais poderia ter sido perdoado, jamais os homens poderiam ser justificados diante de Deus, o qual jamais poderia ter demonstrado misericórdia ao homem. A cruz de Cristo foi a solução de um grande problema. Desatou um nó imenso. Capacitou Deus a ser *“justo e o justificador”* do Ímpio (Romanos 3.26). Capacitou o homem a aproximar-se de Deus com ousadia e a sentir que, embora seja pecador, ele pode ter esperança. Cristo, por sofrer como nosso Substituto, o justo em lugar dos injustos, preparou o caminho pelo qual podemos nos achegar a Deus. Podemos reconhecer sinceramente que em nós mesmos somos culpados e merecemos o inferno. Mas, confiantemente, podemos recorrer Àquele que morreu por nós e, para sua glória, crendo nele, reivindicar a vida e a absolvição.

Gloriemo-nos sempre na cruz de Cristo, considerando-a a fonte de todas as nossas esperanças e o fundamento de toda a nossa paz. A ignorância e a incredulidade não veem coisa alguma nos sofrimentos do Calvário exceto o martírio cruel de um inocente. A fé olhará mais profundamente; verá na morte de Jesus o pagamento da enorme dívida do homem a Deus e a completa salvação de todos os que creem.

Em terceiro, devemos observar nesta passagem quais foram as primeiras verdades que nosso Senhor ordenou seus discípulos pregassem depois que Ele deixasse o mundo. “Arrependimento” e “remissão de pecados” deveriam ser pregados em seu nome a todas as nações. “Arrependimento” e “remissão de pecados” são as primeiras coisas que têm de ser apresentadas com insistência à mente de cada pessoa: homem, mulher e criança, em todo o mundo. Todas as pessoas precisam ser informadas sobre a necessidade de arrependimento. Todos os homens são ímpios por natureza. Sem arrependimento e conversão ninguém pode entrar no reino de Deus. Todos precisam ouvir sobre a disposição divina de perdoar todos os que crerem em Cristo. Todos, por natureza, são culpados e estão condenados. Mas qualquer pessoa pode obter, pela fé em Jesus, o perdão gratuito, completo e imediato. Todos precisam ser constantemente lembrados de que o arrependimento e a remissão de pecados estão unidos de maneira inseparável. Isto não significa que o arrependimento pode comprar nosso perdão. O perdão é um dom gratuito de Deus para o crente em Cristo. Mas continua sendo verdade o fato de que todo homem que ainda não se arrependeu é um homem que ainda não foi perdoado.

Aquele que deseja ser um verdadeiro cristão precisa estar, por experiência pessoal, familiarizado com o arrependimento e a remissão dos pecados. Estas são as coisas essenciais no cristianismo que salva. Pertencer a uma igreja que possui sã doutrina, ouvir o evangelho e participar das ordenanças são grandes privilégios. Mas, somos convertidos? Somos justificados? Se não, estamos mortos diante de Deus. Feliz é o crente que preserva estes dois assuntos constantemente em seus pensamentos. O arrependimento e a remissão não são apenas verdades elementares ou leite para os bebês em Cristo. Um dos fatores para um elevado padrão de santidade consiste em um contínuo crescimento no conhecimento prático do arrependimento e da remissão dos pecados. O crente que mais brilha é aquele que possui o mais perscrutador senso de sua própria pecaminosidade e a mais viva consciência de sua completa aceitação em Cristo.

Em quarto, devemos observar nesta passagem qual foi o primeiro lugar em que os discípulos deveriam começar sua pregação. Deveriam começar em “Jerusalém”. Este é um fato admirável, repleto de instrução. Ele nos ensina que ninguém deve ser considerado tão excessivamente ímpio, que não possamos oferecer-lhe a salvação; também nos ensina que nenhum grau de enfermidade espiritual está além do alcance do remédio do evangelho. Jerusalém era a cidade mais ímpia da terra, quando nosso Senhor deixou o mundo. Foi a cidade que apedrejou os profetas e matou aqueles que Deus enviou para chamá-la ao arrependimento. Era uma cidade cheia de orgulho, incredulidade, justiça própria e excessiva dureza de coração. Foi a cidade que recentemente havia coroado todas as suas transgressões por meio da crucificação do Senhor da glória. Apesar disso, Jerusalém era o lugar em que deveria ser realizada a primeira proclamação de arrependimento e de remissão dos pecados. A ordem de Cristo foi clara: “Começando de Jerusalém”.

Nas admiráveis palavras de Cristo, vemos a largura, altura, amplitude e profundidade da sua compaixão para com os pecadores. Não devemos ficar desesperados quanto à salvação de qualquer pessoa, embora ela tenha sido intensamente perversa e devassa. Devemos abrir a porta do arrependimento para o maior dos pecadores. Não devemos ter receio de convidar o pior dos homens a se arrepender, crer e viver. A glória de nosso grande Médico consiste em ser capaz de sarar casos incuráveis. As coisas que parecem impossíveis aos homens são possíveis para Cristo.

Por último, devemos observar nesta passagem a posição especial que os crentes e, em particular, os ministros do evangelho ocupam neste mundo. Nosso Senhor a definiu utilizando uma sentença expressiva. Ele disse: *“Vós sois testemunhas”*.

Se somos verdadeiros discípulos de Cristo, temos de prestar um testemunho constante em meio a um mundo perverso. Precisamos testificar a verdade do evangelho de nosso Senhor, a graciosidade do coração de nosso Senhor, a felicidade do servir a Cristo, a excelência das regras de conduta estabelecidas por nosso Senhor e o enorme perigo e impiedade dos caminhos do mundo. Esse testemunho com certeza trará sobre nós o desagrado das pessoas. O mundo nos odiará, assim como odiou nosso Senhor, porque testemunhamos *“que as suas obras são más”* (João 7.7). Poucos crerão nesse tipo de testemunho, enquanto muitos o reputarão como ofensivo e extremista. Entretanto, o dever de uma testemunha é prestar testemunho, quer seja acreditada, quer não. Se testemunhamos com fidelidade, cumprimos nosso dever, ainda que, assim como Noé, Elias e Jeremias, permaneçamos quase sozinhos.

Que tipo de testemunho estamos prestando? Que evidência estamos demonstrando de que somos discípulos de um Salvador crucificado e que, assim como Ele, não somos *“do mundo”*? (João 17.14.) Que marcas estamos mostrando de pertencermos Àquele que disse: *“Para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade”* (João 18.37)? Feliz é aquele que pode responder satisfatoriamente as perguntas acima e cuja vida manifesta claramente que está *“procurando uma pátria”* (Hebreus 11.14).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

3

Dia

Lucas 24.50-53

A Ascensão

Estes versículos formam a conclusão da história do ministério de nosso Senhor relatada por Lucas. Constituem uma conclusão adequada ao evangelho que, em ternura comovente e plena exibição da graça de Cristo, permanece como a maior das quatro narrativas daquilo que nosso Senhor Jesus fez e ensinou (Atos 1.1).

Primeiramente; observamos nestes versículos a maneira notável como nosso Senhor deixou seus discípulos. Ele, *“erguendo as mãos, os abençoou. Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia se retirando deles”*. Em resumo, Ele os deixou durante o próprio ato de abençoá-los.

Não podemos duvidar, por um momento sequer, que havia um significado naquela circunstância. Ela tinha o propósito de lembrar aos discípulos tudo o que Jesus trouxera consigo quando veio ao mundo. Serviu para assegurá-los daquilo que Ele ainda faria, depois que se retirasse do mundo. Ele viera à terra para abençoar, não para amaldiçoar; e, abençoando, Ele partiu. O Senhor Jesus veio em amor, não com ira; e, em amor, Ele se retirou. Jesus veio não como um juiz que condena, e sim como um Amigo compassivo; e, como Amigo, retornou ao seu Pai. Cristo viera como um Salvador repleto de bênçãos para seu pequeno rebanho, enquanto esteve com ele. E pretendia que seus discípulos soubessem que Ele continuava a ser um Salvador abundante de bênçãos para eles, mesmo depois de retirar-se do mundo.

Se conhecemos alguma coisa a respeito do verdadeiro cristianismo, devemos fazer nossa alma confiar para sempre no gracioso amor de Cristo. Jamais encontraremos um amor mais terno, afetuoso, paciente, benigno e compassivo do que este. Afirmar que a virgem Maria é mais compassiva do que Cristo é uma prova de terrível ignorância. Recorrer aos santos em busca de consolo, quando deveríamos recorrer a Cristo, é uma mistura de estupidez com blasfêmia e um furto à glória dele. Gracioso foi nosso Senhor quando viveu entre seus frágeis discípulos, gracioso mesmo na própria ocasião de sua agonia na cruz, gracioso quando ressuscitou dos mortos e reuniu ao redor de si aquele seu rebanho disperso, gracioso na maneira como partiu deste mundo. Sua partida ocorreu durante o próprio ato de abençoar. Podemos estar certos de que Ele é gracioso estando sentado à direita de Deus. Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre - um Salvador sempre disposto a abençoar, um Salvador que possui bênçãos abundantes.

Em segundo, observamos nestes versículos o lugar ao qual nosso Senhor foi após deixar o mundo. Ele foi *“elevado para o céu”*. É claro que não podemos entender o significado completo de tudo o que foi dito. Seria fácil inquirir sobre a habitação exata do corpo glorificado de Cristo, fazendo perguntas que os mais hábeis teólogos nunca poderiam responder. Não podemos desperdiçar nosso tempo em especulações sem proveito ou nos intrometermos em coisas que não sabemos (Colossenses 2.18). Basta sabermos que nosso

Senhor Jesus Cristo entrou na presença de Deus em favor de todos que creem nele, como um Precursor e um Sumo Sacerdote (Hebreus 6.20; João 14.2).

Na qualidade de Precursor, Jesus foi ao céu preparar um lugar para todos os membros de seu corpo. Nosso grande Cabeça tomou posse de uma herança gloriosa em benefício de seu corpo místico e tem-na em seu poder como nosso irmão mais velho e nosso fiador, até que venha o dia em que a igreja será aperfeiçoada. Na qualidade de Sumo Sacerdote, Jesus foi ao céu para interceder por todos os que creem nele. Ali, no Santo dos Santos, em favor dos crentes Ele apresenta os méritos de seu próprio sacrifício e obtém para eles suprimentos diários de misericórdia e graça. O grande segredo da perseverança dos santos é a presença de Cristo no céu intercedendo por eles. Eles têm um Advogado eterno diante do Pai e, por isso, jamais serão rejeitados (Hebreus 9.24; 1 João 2.1).

Assim como Ele subiu, assim também um dia Jesus retornará do céu. Ele não permanecerá sempre habitando no Santo dos Santos. Ele sairá, tal como o fazia o sumo sacerdote dos judeus, para abençoar o povo, reunir seus eleitos e restaurar todas as coisas (Levítico 9.23; Atos 3.21). Devemos esperar, ansiar e orar por esse dia. Cristo morrendo na cruz em favor dos pecadores, vivendo nos céus para interceder e vindo novamente em glória são os três grandes fatos que devem sempre permanecer com preeminência nos pensamentos de todo o crente verdadeiro.

Por último, observamos nesta passagem os sentimentos dos discípulos de nosso Senhor, quando Ele finalmente os deixou e foi elevado para o céu. Eles *“voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo; e estavam sempre no templo, louvando a Deus”*.

Qual a explicação para os sentimentos de júbilo dos discípulos? Como podemos justificar o singular fato de que aquele pequeno e frágil grupo de discípulos, como se fossem órfãos no meio de um mundo irado, não ficou abatido, e sim repleto de alegria? Temos respostas curtas e simples. Os discípulos se regozijaram porque viam com mais clareza as coisas referentes ao seu Senhor. O véu fora removido de seus olhos. As trevas por fim haviam se dissipado. O significado da humilhação e da modesta condição de Cristo; o significado de sua misteriosa agonia, paixão e sofrimento na cruz; o significado de ser Ele o Messias e, apesar disso, sofrer; o significado de sua crucificação, embora fosse o Filho de Deus - tudo, tudo finalmente foi desvendado e tornou-se claro para eles. Suas dúvidas foram removidas. As pedras de tropeço foram retiradas. Agora, eles finalmente possuíam um entendimento nítido e, possuindo-o, sentiram um júbilo autêntico.

Devemos ter em nosso coração o firme princípio de que a pequena intensidade de júbilo que muitos crentes sentem resulta normalmente de sua falta de conhecimento. Não há dúvida de que uma fé fraca e uma prática incoerente são duas grandes razões por que muitos filhos de Deus desfrutam tão pouca paz. No entanto, com certeza podemos suspeitar que pontos de vista obscuros e indistintos quanto ao evangelho são a verdadeira causa de intranquilidade para muitos crentes. Quando não se conhece, nem se entende corretamente o Senhor Jesus, segue-se necessariamente que existe pouco regozijo no Senhor.

Terminemos nossa meditação no evangelho de Lucas com o firme propósito de buscar mais conhecimento espiritual, a cada ano que vivermos. Examinemos mais profundamente as Escrituras e oremos com todo o coração a respeito de seus assuntos. Muitos crentes examinam as Escrituras apenas de maneira superficial e nada sabem acerca do escavar seus tesouros ocultos. Deixemos a Palavra de Cristo habitar em nós abundantemente. Leiamos nossa Bíblia com mais diligência. Fazendo isto, experimentaremos mais gozo e paz em nosso crer e saberemos o que significa estar constantemente *“louvando a Deus”*.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?